



NOVAS FRONTEIRAS

REALIDADES EMERGENTES



Para nós, maristas de Champagnat, é fundamental mudar a vida de crianças e de jovens, em particular dos marginalizados na sociedade. Essa é uma parte fundamental do nosso caminho, como também foi para o nosso fundador pelo fato de não ter recebido uma educação escolar quando criança e, mais tarde, por seu trabalho como padre na paróquia de La Valla em Marcelino desenvolveu uma profunda empatia pelas crianças e pelos jovens que não tinham oportunidades para aprimorar seu potencial. La Valla era uma aldeia isolada, onde o acesso das crianças à educação era limitado e, conseqüentemente, essas crianças viviam à margem da sociedade francesa. Marcelino fundou os Irmãos Maristas em resposta à sua própria experiência de jovem margi-



nalizado. Ao longo de sua vida, continuou a expressar esse desejo de ir para as periferias, o seu desejo pessoal de ir em missão a outras terras, à América (1820) e à região do Pacífico (1830). Dessa intuição original de Marcelino nasceu um Instituto cuja grande tradição é ir até as margens da sociedade para responder às necessidades das crianças e dos jovens.

NO MUNDO ATUAL

A intuição original de Marcelino permanece importante no mundo de hoje. O número de crianças e jovens que vivem à margem da sociedade em nosso mundo é uma questão crucial. Existem aqueles que sofrem com o isolamento geográfico, em locais onde o acesso à educação e outros direitos básicos é limitado. Cada vez mais jovens e crianças são forçados a se mudar. Para alguns, a causa é a pobreza em que vivem, e deixam suas casas em busca de oportunidades econômicas e de uma vida melhor. Outros são obrigados a abandonar as suas casas devido à violência e à guerra, visto que é impossível viver nas ruínas deixadas por esses conflitos. Outros são refugiados do clima. Suas casas ou ilhas estão desaparecendo à medida que o nível do mar sobe. A mudança climática resultou na degradação de terras férteis

Marcelino fundou os Irmãos Maristas em resposta à sua própria experiência de jovem marginalizado. Ao longo da sua vida, continuou a expressar este desejo de ir para as periferias, o seu desejo pessoal de ir em missão a outras terras, à América (1820) e à região do Pacífico (1830).

e está diminuindo o acesso à água potável. E há aqueles que continuam a viver na pobreza, sem os recursos necessários, ou continuam a viver no meio da violência da guerra e não têm acesso à educação.

Não precisamos ir muito longe para encontrar crianças e jovens em risco. Frequentemente, em nossas escolas, centros sociais e universidades,

Frequentemente, em nossas escolas, centros sociais e universidades, há crianças sem-teto que vão de casa em casa e que dormem em camas improvisadas; crianças que caíram no crime ou crianças que sofrem violência familiar.

há crianças sem-teto que vão de casa em casa e que dormem em camas improvisadas; crianças que caíram no crime ou crianças que sofrem violência familiar. Muitos de nós podemos contar histórias de crianças perseguidas e isoladas por causa de sua raça, gênero ou cre-

do. Existem aquelas que estão nas fronteiras existenciais, sofrendo os **vários problemas de saúde mental, levando uma vida sem sentido, sozinhas**, isoladas e segregadas.

A atual pandemia, sem dúvida, deixará sua marca na vida de crianças e jovens, em particular daqueles mais pobres. Levará algum tempo para entendermos todo o seu alcance, mas já é evidente a diferença crescente entre quem tem recursos e quem não os tem. O exemplo mais óbvio é definido como “exclusão digital”, que divide aqueles que continuam a acessar a educação, porque têm a tecnologia necessária, e aqueles que não têm acesso à educação porque as escolas passaram a oferecê-la online e eles não possuem tecnologia. Em algumas partes do mundo, também estão sendo levantadas sérias questões sobre a qualidade da educação ofe-

recida durante o confinamento, e sobre o evidente aumento da pobreza, dos problemas de saúde mental, do isolamento e da segregação devido ao fato de não se sair de casa para evitar o contágio com o vírus.

O CAPÍTULO E O PLANO ESTRATÉGICO

A resposta marista é refletir, ter empatia com os jovens, dialogar com eles e agir onde pudermos. Isso faz parte do que significa ser marista. O recente Capítulo Geral nos convida a caminhar com as crianças e os jovens que vivem à margem da vida e a estar presentes entre eles. Também nos convida a abrir os olhos e o coração, a sair de nossa zona de conforto e a ouvir o clamor dos sem voz e sem-teto, para sermos criativos na resposta às suas necessidades e para empoderarmos os que não têm voz. Muitas Unidades Administrativas têm respondido ativamente a este





apelo, criando espaços para que possam ser ouvidos aqueles jovens que normalmente estão indefesos e que não têm voz.

O Plano Estratégico da Administração-Geral continua usando a mesma linguagem para reiterar nosso compromisso com as crianças e os jovens

Muitas Unidades Administrativas têm respondido ativamente a este apelo, criando espaços para que possam ser ouvidos aqueles jovens que normalmente estão indefesos e que não têm voz.

das periferias. O documento nos compromete apaixonadamente com “*uma missão inovadora sem fronteiras, ao serviço das crianças e dos jovens, especialmente entre os mais vulneráveis e excluídos*”. Dois dos projetos nos comprometem a estar presentes

em lugares de grupos sociais marginalizados, com crianças e jovens em novas realidades emergentes, e nos motivam a ouvi-los, a encorajar sua participação em projetos que lhes são destinados e a capacitá-los a se tornarem artífices de sua própria formação.

MARISTAS DE CHAMPAGNAT

Como Maristas de Champagnat estamos profundamente cientes da situação das crianças e dos jovens que vivem nas periferias e assumimos o claro compromisso de estar presentes entre eles. No campo da educação, a desigualdade está crescendo e muitos não têm acesso a uma educação adequada e de qualidade. Não se trata apenas de reagir ao isolamento geográfico e dar uma resposta

“missionária” tradicional. O Instituto continua a explorar novas formas de estar presente entre esses jovens marginalizados.

Com projetos como La-valla200>, Tutti Fratelli ou o projeto Sudão do Sul e o seu apoio contínuo ao Dis-

O mundo ao nosso redor está mudando rapidamente e, portanto, como maristas, temos que explorar e compreender melhor as novas fronteiras e margens onde existem crianças e jovens vulneráveis e necessitados.

trito Marista da Ásia, a Administração-geral mostra diferentes formas de trabalhar com crianças, adolescentes e jovens vulneráveis. Esses projetos destacam novas margens e fronteiras para as quais estamos caminhando. Eles servem para satisfazer necessidades específicas, mas também têm aspectos proféticos e simbólicos: a participação de leigos, a colaboração entre as diversas Congregações, os voluntários e as novas formas de vida

comunitária. A recente criação do Fundo Marista Global para Emergências Humanitárias também nos permite dar uma resposta rápida para ajudar os jovens e as comunidades em necessidade urgente de assistência. Por meio da FMSI e do Secretariado de Solidariedade, continuamos a

Servir em novas fronteiras não inclui apenas “fazer coisas”, significa pensar de uma maneira nova e encontrar novas estruturas.

aumentar nossa experiência na defesa dos Direitos da Criança, em particular com nossa participação na Revisão Periódica Universal das Nações Unidas em Genebra. Muitos outros coletivos maristas regionais, como

“Coração Solidário”, se uniram a este trabalho para defender os direitos da criança.

O carisma marista viveu um processo de inculturação, encorajando irmãos e leigos a responder com generosidade às necessidades locais emergentes. São inúmeras as iniciativas regionais e provinciais inovadoras que expressam nosso compromisso de estar presentes entre as crianças e os jovens nas fronteiras e periferias. Existe presença marista entre os marginalizados e existem apostolados que trabalham de forma criativa com os mais desfavorecidos, dando atenção aos grupos discriminados, às minorias, como indígenas e migrantes. As províncias e distritos trabalham com os deslocados por causa da guerra, da pobreza e da COVID-19. Muitos de nossos projetos atuais foram desenvolvidos com base em ideias sólidas e nos ensinaram lições valiosas. Devemos continuar a dedicar recursos - financeiros e de pessoal - para permitir que esses projetos se desenvolvam e cumpram sua missão.

Temos que manter os olhos e o coração abertos para identificar novas si-



tuações de vulnerabilidade e risco para as crianças e os jovens. O mundo ao nosso redor está mudando rapidamente e, portanto, como maristas, temos que explorar e compreender melhor as novas fronteiras e margens onde existem crianças e jovens vulneráveis e necessitados. Além disso, obriga-nos a criar espaços de diálogo com as crianças e os jovens. É com o olhar deles e com sua voz que criaremos uma cultura de diálogo, em que possamos compreender mais profundamente as suas necessidades e identificar a melhor forma de estarmos presentes entre eles. Também nossas intuições deverão ser baseadas em conhecimentos e dados sólidos. Colocando-nos à disposição do mundo dos jovens, precisamos desenvolver novas formas de estar com os marginalizados. Ao responder, devemos ser ágeis e flexíveis. É preciso que nossas comunidades tenham

mobilidade para responder criativamente às necessidades emergentes, e necessitamos dos recursos adequados para assegurar que possamos manter nossos esforços.

Servir em novas fronteiras não inclui apenas “fazer coisas”, significa pensar de uma maneira nova e encontrar novas estruturas. Isso pode implicar a criação de novos modelos de vida comunitária, bem como o estabelecimento de alianças e coligações Inter congregacionais com outros organismos. Pode envolver a colaboração com organizações civis e conexão com redes existentes.

O PAPA FRANCISCO

Vemos refletido nosso desejo de estar presente com os marginalizados também no pensamento do Papa Francisco. A Igreja tem, no Papa Francisco, um líder que nos chama a ir às periferias, a estar presente entre os mais necessitados. Isso se

O Papa Francisco não está apenas nos chamando para ir às periferias, ele está nos chamando para estarmos presentes de novas maneiras.

torna evidente em sua encíclica *Fratelli Tutti*, onde descreve a fraternidade e a amizade social como caminho para construir um mundo melhor, mais justo e pacífico. Em seu discurso,

em janeiro de 2021, aos participantes do encontro organizado pelo Escritório Nacional de Catequese da Conferência Episcopal Italiana, o Papa Francisco detalhou esse tema.

É o tempo de sermos artesãos de comunidades abertas que saibam valorizar os talentos de cada um. É o tempo das comunidades missionárias,



livres e desinteressadas, que não buscam protagonismo e vantagem, mas sim percorram os caminhos das pessoas do nosso tempo, inclinando-se para os marginalizados. É o tempo de comunidades que olham nos olhos dos jovens decepcionados, que acolhem os forasteiros e que dão esperança aos desencantados. É o tempo de comunidades que dialogam sem medo com quem tem ideias diferentes. É o tempo de comunidades que, como o Bom Samaritano, saibam se aproximar daqueles que a vida feriu, para curar as suas chagas com compaixão. Não se esqueçam dessa palavra, compaixão. Quantas vezes no Evangelho é dito de Jesus: “E ele teve compaixão”, “teve compaixão”.

O Papa Francisco não está apenas nos chamando para ir às periferias, ele está nos chamando para estarmos presentes de novas maneiras. Ele usa a linguagem da comunidade no lugar do exemplo de indivíduos heroicos. Ele usa a linguagem da esperança ... São qualidades que precisamos para chegar às fronteiras, olhar nos olhos dos jovens, tratá-los com dignidade, respeito e igualdade. É para isso que somos chamados, nada menos que isso.

Ir. Ken McDonald
Em nome da Comissão Internacional da Missão Marista*
20 de abril de 2021

ISBN: 979-12-80249-15-9

*Os membros da Comissão são: Luis Carlos Gutiérrez Blanco (VG), Ben Consigli (CG), Ken McDonald (CG), Ángel Diego García Otaola, Francis Lukong, Carlos Alberto Rojas Carvajal, José Libardo Garzón Duque (EG), Gregorio Linacero, Okolo Mark Omede, Valdicer Civa Fachi, Alberto G. Aparicio, Francis Jumbe, Frank Malloy, Rodrigo Espinosa, Manuír Mentges, Christophe Schietse, María del Socorro Álvarez, Farancis Rahmat y Kevin Wanden.